

FORMAÇÃO DE EDUCADORES NO MUSEU DA CULTURA CEARENSE

TRAINING OF EDUCATORS IN THE MUSEU DA CULTURA CEARENSE

Gardner de Andrade Arrais¹
José Albio Moreira de Sales²
Marina Vieira de Oliveira³

RESUMO

Tem por matéria a formação de educadores do Museu da Cultura Cearense (MCC), do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, em Fortaleza-CE, e sua relação com a Política Nacional de Educação Museal. Objetiva compreender o trabalho de formação de educadores museais realizado pelo MCC, tendo por base documentos, depoimentos e práticas de educadores e ex-educadores do MCC. A amostra foi composta por quatro educadores que atuavam no momento da realização do estudo e quatro ex-educadores. Conclui-se que há adoção de uma educação crítica, reflexiva e dialógica, fruto de aprendizagens em Educação Museal, e que o MCC propõe atividades como: seleção de educadores, encontros formativos e avaliativos, preparação das mediações para exposições, encontros com curadores e artistas expositores, cursos de acessibilidade e outros, além de experiências que o Dragão do Mar e o entorno oferecem.

Palavras-chave: Formação de educadores. Educação Museal. Mediação.

ABSTRACT

Its subject is the training of educators at the Museu da Cultura Cearense (MCC), at the Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, in Fortaleza-CE, and its relationship with the National Policy on Museum Education. It aims to understand the work of training of museum educators carried out by MCC,

¹ Professor Adjunto da Universidade Federal do Piauí - UFPI, Curso de Licenciatura em Educação do Campo/Ciências da Natureza (2015). Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE/UECE

gardner.arrais@gmail.com / <http://orcid.org/0000-0003-2236-682>

² Doutorado em História pela Universidade Federal de Pernambuco Docente na Universidade Estadual do Ceará. albio.sales@uece.br / <http://orcid.org/0000-0002-2521-6364>

³ Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Ceará PPGE/UECE. marinali.vieira@gmail.com / <https://orcid.org/0000-0001-8701-6213>

based on documents, testimonies and practices of educators and former educators of MCC. The sample consisted of four educators who worked at the time of the study and four former educators. It is concluded that there is the adoption of a critical, reflective and dialogical education, the result of learning in Museal Education, and that the MCC proposes activities such as: selection of educators, formative and evaluative meetings, preparation of mediations for exhibitions, meetings with curators and artists exhibitors, accessibility courses and others, as well as the experiences offered by Dragão do Mar and the surrounding area.

Keywords: Educator Training. Museum Education. Mediation.

INTRODUÇÃO

A obra de arte considerada bem simbólico não existe como tal, a não ser para quem detenha os meios de apropriar-se dela, ou seja, de decifrá-la. (*O Amor pela Arte* – PIERRE BOURDIEU).

Na qualidade de pesquisadores e educadores do âmbito da Educação e da Arte, voltamo-nos com bastante frequência para debates e estudos sobre a participação do museu nos processos de formação. Em nossas discussões com diversificados interlocutores, estes, juntamente com a escola, são apontados como os principais responsáveis pela ampliação das modalidades de apropriação, isto é, de interpretar os sentidos e significados dos bens simbólicos, dos acervos públicos do patrimônio material e imaterial de nosso País, de maneira democrática que aproxime os distintos segmentos sociais. Estas discussões nos conduziram a debates sobre a Educação Museal e nos transportaram a questionar as iniciativas nesse sentido que estavam ocorrendo na cidade de Fortaleza, no âmbito da formação de educadores museais.

Com efeito, nossos questionamentos tomam por base as iniciativas de formação do Museu da Cultura Cearense (MCC) dirigidas aos seus educadores, em decorrência da necessidade de ampliar as discussões sobre como formar pessoas capazes de mediar a relação do público com o Museu, de modo a promover o conhecimento da nossa história, fortalecer a relação das pessoas com o seu lugar, a natureza, a sua gente e o seu patrimônio.

Considerando essas premissas, estabelecemos como objetivo principal desta investigação compreender o trabalho de formação

de educadores museais realizado pelo Museu da Cultura Cearense, tendo por base documentos oficiais, depoimentos e práticas.

Este ensaio se conforma relevante ante as amplas discussões em torno da Educação Museal, que culminaram, há não muito tempo – em 2017 – na composição da Política Nacional de Educação Museal, por intermédio da Portaria N° 422, de 30 de novembro de 2017, que considera, em seu artigo 2º, Educação Museal “[...] um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade.” (IBRAM, 2017). À extensão dos últimos 20 anos, a função educativa dos museus credita forças e, formalmente, encontra esteio na criação dos setores educativos nos equipamentos museais. A atuação desse setor é uma necessidade, mas nem todos os museus têm disponibilidade, em seu quadro profissional, de pessoas para composição da equipe. O objetivo primeiro destes setores é efetivar uma formação de educadores direcionada à Educação Museal, pelo que destacamos o Museu da Cultura Cearense, um dos pioneiros na formação de educadores para museus, e que logra manter essa preparação, atualmente.

Uma das maiores dificuldades sentidas para que haja uma formação sistematizada é a escassez de estudos para definição das características da Educação Museal e dos seus processos comunicacionais e educacionais, tornando-se imprescindível a inserção de pesquisadores da Educação nos museus, como tática para fortalecer e contribuir para essa área.

Nesse sentido, o aspecto orientador desta investigação configurou a indagação: – como se caracteriza a formação de educadores ofertada pelo Museu da Cultura Cearense?

REFLEXÕES TEÓRICAS

O Museu em Diálogo com a Educação Formal, Não Formal e Informal

Entendemos o museu como espaço de guarda de patrimônio de determinada sociedade, bem como local de encontro, que favorece a troca de práticas e vivências, contribuindo para a formação cidadã e auxiliando na consecução das distintas modalidades de aprendizado. Tal acontece por intermédio da experiência, compartilhada entre as pessoas que se dispõem, na qualidade de operadores dos museus, a levar adiante o desiderato de proceder ao ensino-aprendizagem

nessa área de tanto relevo para a cultura material e imaterial.

Essas maneiras de aprender no museu configuram-se de maneira diferente da escola e da universidade. O museu é entendido como espaço de arte, memória, cultura e história, porém não se encaixa no mesmo modelo de educação institucional ocorrente no chão escolar e na academia. Um conceito da função social do museu é oferecida por Grossmann e Marotti (2011, p. 138), quando lecionam assim:

[...] essa função, que já vem de alguns séculos, é a de preservar signos artísticos, resultado da criatividade humana, e dar-lhes um sentido, entendendo que esses signos são fundamentais para a construção das culturas e das individualidades. (...) os museus desempenham um papel essencial na construção do indivíduo, e quando eu falo em preservação, estou entendendo preservação no sentido amplo. Não só de conservação *stricto sensu*, quer dizer, de objetos, mas de toda a articulação das ações da museologia (comunicação, pesquisa, documentação, catalogação, conservação, ação educativa etc.), estabelecendo redes de sentido que permitam aos signos artísticos se estruturar com os elementos básicos da construção das personalidades e das culturas.

A Educação em um museu consiste, por consequente, em dar sentido aos signos provenientes do engenho humano e transita entre o modo educacional formal e o não formal. Para entendermos melhor, consoante ensina Libâneo (1998, p. 81), a educação formal constitui aquela estruturada, organizada, planejada, intencional, sistemática, em condições previamente preparadas – atributos que caracterizam um trabalho pedagógico, ainda que realizadas fora do ambiente escolar. Já a educação não formal possui baixo grau de estruturação e sistematização, implicando relações pedagógicas não formalizadas, o que caracteriza a visitaçào a museus.

No *Caderno da Política Nacional de Educação Museal*, de 2018, há uma recuperação histórica dessas discussões. De acordo com o mencionado documento, o tema restou consolidado no Brasil – e no Mundo – após a realização do Seminário Regional Latino-Americano da Unesco, em 1958, no Museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro. É de relevo que nos reportemos ao escorço histórico desses debates,

a fim de entendermos que, nem sempre, a Educação Museal teve grande destaque nas discussões relacionadas aos museus, entretanto, auffered redobrado vigor nos eventos, aportando outra visão para a funcionalidade do equipamento museal, “[...] passando então a ser também compreendido como um espaço de educação para auxiliar nas atividades do ensino formal e como ferramenta didática, ou seja, uma espécie de extensão do espaço da escola”. (IBRAM, 2018, p. 16).

Vale lembrar que a Educação Museal se destaca por seu caráter informativo não regrado. Necessita, no entanto, das normas terminantes da Educação para sua validade – local, comparecimento e formadores, em uma mescla que une a educação não formal e os preceitos da configuração educacional formalizada.

Trilla e Elie (2008) salientam que é bastante comum caracterizar a educação não formal como “[...] aquela que se realiza fora do marco institucional da escola ou a que se afasta dos procedimentos escolares convencionalmente.” (p. 39). Na decodificação de Carvalho (2005, p. 121):

O museu tem como pressuposto não pertencer ao domínio da educação escolar, portanto, suas práticas educacionais não são processadas de forma seriada, sistemática e regular, situando-se no âmbito da educação extraescolar, ou seja, fora do sistema formal de ensino.

No âmbito de tantas instituições citadas por Saviani (1998) para demonstrar espaços de educação não formal, encontram-se os museus, conquanto o autor admita o argumento de que, frequentemente, haverá um intercâmbio de instituições que promovem a educação formal e a não formal. Trilla e Elie (2008, p. 51), a seu turno, acentuam a existência de uma troca de serviços entre elas, na qual instituições educacionais formais devem incrementar o uso dos recursos não formais e informais à disposição. Em intercâmbio, as instâncias formais prestariam seu apoio para o desempenho de outras funções educacionais, culturais e sociais.

Educação Museal

Observamos que a Educação Museal ocupa extensa pauta nos encontros, ganhando relevo, inclusive, com o compromisso de

assumir o papel de aliado na educação integral da pessoa, como descreve Braga (2017, p. 55): “[...] o documento de Santiago indicou a necessidade de setores educativos nos museus para mediação com escolas e outros programas para dinamização do acervo e educação integral do homem”. Além disso, ocorrem encontros regionais, que ganharam ânimo e repercussão, tornando-se um movimento em prol da criação do Programa Nacional de Educação Museal (PNEM).

Para que o PNEM fosse publicado, foram necessários debates mediados em uma plataforma virtual⁴, resultando importante assinalar, todavia, que a Educação Museal é anterior ao Programa. Braga (2017) aponta como exemplos de ações anteriores ao PNEM – e que o inspiram – as iniciativas sistematizadas, como o Serviço de Assistência ao Ensino no Museu Nacional e as ações educativas do Museu Histórico Nacional.

Cândido (2007) procede a uma proveitosa compilação de documentos, encontros e publicações valiosas que aconteceram desde a reunião em Santiago do Chile, em 1972, onde as análises sobre o papel social dos museus granjeia realce, em especial, a Educação Museal.

No Ceará, são dois os pioneiros na Educação Museal: o Museu do Ceará, que manteve uma formação para educadores de museu, e o MCC, ressaltado nessas circunstâncias, pois se configura como um caso exemplar. As duas instituições tratam com seriedade a manutenção de setor educativo.

À demanda de entender as peculiaridades da Educação Museal, é imprescindível salientar que o próprio local onde ela ocorre, no que se refere a estrutura e composição do ambiente, retrata um diferencial, pois o museu é uma instituição que promove a educação por via da cultura, e o conhecimento é produzido, dentre outras maneiras, com origem em diálogos, provocações e experiências, códigos de comunicação diferentes dos de outras instituições educacionais.

4 As discussões foram mediadas durante quatro meses no blog do PNEM: pnem.museus.gov.br, culminando na escrita do Plano Nacional de Educação Museal, com a participação de servidores do IBRAM e demais interessados, com atuação em diversos eixos do museu. As discussões foram dinamizadas e avaliadas para promover a escrita do documento por articuladores, em colaboração com os coordenadores dos Grupos de Trabalho – GTs, a respeito dos seguintes temas: Perspectivas conceituais; Gestão; Profissionais de Educação Museal; Formação, capacitação e qualificação; Redes e parcerias; Estudos e pesquisas; Acessibilidade; Sustentabilidade; e Museus e Comunidade.

Formação dos Educadores para a Educação Museal

A formação dos educadores de museus desenvolve-se sob os desafios do cotidiano e com o trabalho de recobro histórico, estestado nas memórias. É oportuno salientar que no ambiente do museu ocorre uma formação do educador, em geral, diferente do que foi vivenciado por ele nos anos de escolarização pelos quais passou, pois o museu não está repleto de cadeiras, não tem um quadro branco à frente, não outorga diplomas, não exige uma rotina escolar, não separa o conhecimento em matérias ou disciplinas. Além disso, os educadores de museu são, em sua maioria, estudantes de licenciatura em estágio formativo, portanto, suas práticas estão eivadas do fazer docente. Sobre isso, Carvalho (2005, p. 127), em experiência de acompanhamento de estágio realizada em uma exposição, relata que:

Foi possível notar que os estagiários realmente tomavam o trabalho que realizavam como uma prática educativa, e o fato de não estarem em sala de aula não os distanciava da profissão de professor; ao contrário, eles acreditavam em um fazer diferenciado.

A formação no museu, portanto, inclui a imbricação dos variados papéis que assumimos perante a Educação, sendo conveniente aditar o fato de que a constituição do conhecimento depende de autonomia, participação, reflexão e criticidade. O educador museal, na perspectiva de Cury (2013, p. 16), é um produtor de conhecimentos e participa ativamente da formulação de narrativas e discursos. Sua ação educativa é consequência de planejamento e conformação conceitual e teórica. Também utiliza metodologias e estratégias de ensino elaboradas minuciosamente, com amparo numa reflexão certamente crítica.

Conforme constatamos no local de pesquisa, não há um curso de formação específico. Existe uma série de estudos e atividades práticas desenvolvidas no Museu – e/ou em outros locais – que oferecem oficinas, cursos, palestras de temas relevantes para o educador museal. O conhecimento produzido no Museu é repassado dos educadores mais experientes aos mais novos, visto que há também uma grande rotatividade de pessoal nesses espaços. Isso parte do setor educativo, a fim de se criar estratégias de formação

para a aquisição dos saberes necessários ao exercício cotidiano de mediação, curadoria e outras atividades relevantes, que, além de muitas, exigem bastante análises por parte do educador.

Algumas das atribuições do educador de museus estão determinadas na Política Nacional de Educação Museal, no artigo 5º, Eixo II, Item II:

[...] a atuação na elaboração participativa do Programa Educativo Cultural; a realização de pesquisas e diagnósticos de sua competência; a implementação dos programas, projetos e ações educativas; a realização do registro, da sistematização e da avaliação dos mesmos; e promover a formação integral dos indivíduos; [...]. (IBRAM, 2017, p. 3).

Se o educador for formado em um curso de licenciatura, a experiência museal estará atrelada à capacidade de produção de conhecimentos necessários à conjunção de problemas educacionais que surgem no efetivar da profissão e a um conjunto de técnicas, valores, atitudes, relações, modos de comunicação etc. Estas características vão constituir o mediador ou educador de museu. Para Martins e Picosque (2012, p. 18), a ação deste educador, ou seja, a mediação, “[...] pode provocar a disponibilidade e a empatia, mas também o rebaixamento da sensibilidade e o distanciamento de uma experiência estética e artística.” Daí a preocupação com a qualidade da formação dos educadores de museus.

Mediação Cultural: Escorço Histórico e Importância

O cuidado com a preservação cultural brasileira e com a mediação cultural move debates e orienta propostas políticas e pedagógicas que ampliam o sentido de patrimônio, valoriza as nossas tradições, diversidade e identidade cultural. Nesse sentido, e considerando os modos de mediação e preservação da cultura, Carvalho (2005, p. 7) acredita que a tradição se mantém para ser negada, superada, contestada, a fim de ocorrerem os avanços, nos quais o novo ressignifica o velho, movidos pela intervenção do homem e proporcionando a dinâmica da cultura.

Desde a criação do IPHAN, no ano de 1937, a importância da Educação na preservação do patrimônio cultural toma corpo em

artigos e discursos, pois, até então, essas discussões estavam restritas às instituições regionais e aos grupos de intelectuais.

Era necessário, todavia, ir além da teoria e das discussões. Com efeito, nos anos de 1970, o tema foi abordado com maior insistência, culminando na criação do Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC), em junho de 1975 (IPHAN, 2014). A proposta do CNRC, exposta no caderno *Educação Patrimonial: Histórico, Conceitos e Processos* (IPHAN, 2014), baseava-se em preservar e ampliar a ideia de patrimônio, valorizando a diversidade regional, diminuindo os riscos de perda da identidade cultural do País e o esmagamento dos valores da formação cultural brasileira.

O IPHAN reconhece a importância da mediação cultural, entendendo-a como maneira de estabelecer outras modalidades de aprender baseadas nas interações dos sujeitos, em suas relações sociais. Com suporte nestas, acontece a apropriação de toda a cultura produzida nas gerações anteriores, o que interfere na formação dos sujeitos e enfatiza o caráter mediador da ação humana.

A mediação cultural ajuda a estabelecer uma aproximação do sujeito com o conteúdo do museu. Muitas vezes, a pessoa não é conhecedora de determinada cultura, não é perita em Ciência, História, Arte, mas possui conhecimentos adquiridos no curso de sua vida, o que a situa como um potencial fruidor. Ao ter contato com novos códigos, sob a mediação de um educador, amplia o repertório cognitivo e sensível. Meira (2011, p. 116) assinala, no entanto, que,

Sem uma mediação consciente e competente, em nível de sensibilização, por parte do educador de arte, o diálogo íntimo e profundo com a arte não acontece, nem suplanta as formas de leitura mais superficiais.

Diferente das metodologias comuns à escola, a mediação nesses moldes deve se destacar por situar o sujeito no lugar de investigador, pois abre portas para novos conhecimentos e, até mesmo, vai além, ao aprender a imaginar, reproduzir, fazer e refazer, com apoio na leitura pessoal do que está sendo mediado, pois conforme assinala Barbieri (2012): “[...] todas as informações visuais internas e externas são possibilidades de investigação”.

Assim também, sugere a Proposta Triangular de Ensino de Arte, difundida por Barbosa (2004), segundo a qual a mediação inclui a contextualização da exposição, a leitura das obras e a produção de

Arte. Certamente, algo peculiar na triangulação é a oportunidade de pensar sobre a obra, questioná-la, aproximá-la de suas vivências pessoais e, mais do que isso, experimentar! De acordo com Barbieri (2012), “[...] cada experiência que temos é única e, portanto, intransferível, experiências podem ser compartilhadas, mas jamais transferidas para outras pessoas”. O museu não pode ser apenas um ambiente de repasse de informações, pois “[...] informação sem imaginação não cria sentido e tem pouca utilidade em nossas vidas”. (BARBIERI, 2012, p. 52).

Barbosa (2009) acrescenta que o museu é um lugar experimental da mediação cultural, e define a educação em museus nestes termos, denotando a concepção de Nicholas Serota:

[...] o conceito mais contemporâneo e amplo de educação em museus [...] não se restringe a um departamento que lida com criança, escola, comunidade, cursos para adultos e guias de exposições entre outros. A curadoria e o design das exposições também são educação. (p. 14).

De efeito, a mediação diferencia-se de uma educação baseada em aprovações e avaliações, na qual, quanto mais informação o aluno for capaz de acumular, mais chances ele terá de ser aprovado. A mediação incentiva a liberdade de pensamento, bem como estimula os visitantes à imaginação. Os educadores, nesse sentido, são “inventores de encontros”. (BARBIERI, 2012).

Aspectos Metodológicos

Do ponto de vista da abordagem, a investigação caracteriza-se como qualitativa, aquela em que o investigador frequenta os locais onde se verificam os fenômenos nos quais está interessado e recolhe dados baseados no comportamento das pessoas. (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Pelas características do modo de constituição do objeto e da maneira de lidar com os sujeitos, esta foi a modalidade que melhor ofereceu elementos para o implemento do estudo e a posição assumida pelos autores.

Assumimos a modalidade estudo de caso, pois incide no que o objeto “[...] tem de único, de particular, mesmo que posteriormente venham a ficar evidentes certas semelhanças com outros casos

ou situações". (LÜDKE, 2017, p. 20). Sob esse aspecto, o evento sob exame é a formação dos educadores do Museu da Cultura Cearense. Entendemos que a pesquisa não isola o sujeito dos objetos de análise, pois, *a contrario sensu*, estes "[...] estão em contínua e dialética formação, evoluem por contradição interna, não de modo determinista, mas como resultado da intervenção humana mediante a prática", conforme assinalam Ghedin e Franco (2011, p. 118).

Para melhor percepção do trabalho desenvolvido no cotidiano do Núcleo de Ação Educativa do MCC, a demanda de campo foi de fundamental importância, para explicitar o dinamismo entre os partícipes (educadores do MCC), as diversas relações com os núcleos que formam o Museu (Coordenação, Gerência, Diretoria e visitantes do museu) e as particularidades do local pesquisado (espaço físico, exposições e eventos). Ela se aplica, porque "[...] a pesquisa qualitativa procura capturar condições da vida real, adotando a perspectiva das pessoas que fazem parte destas condições" (YIN, 2016, p. 59), de sorte que a busca de campo consiste numa rica vertente de indicadores.

O trabalho de campo consistiu no acompanhamento das mediações realizadas entre os educadores do Museu e o público visitante, durante as visitas guiadas, nos eventos promovidos pelos próprios educadores do Museu. Com vistas a chegar ao objetivo pretendido, contamos com o auxílio da Coordenação educativa nos eventos, em especial, na Primavera dos Museus, que envolveu a participação de museus diversos e outros interessados na seara museal.

Durante esses momentos, foram realizadas entrevistas, efetivando-se estudo do local, observação de mediações e reuniões com educadores, que fazem parte do cotidiano de seu trabalho, registrando em diário de campo informações valiosas, analisadas com precisão após a experiência de campo, havendo sido aplicado um questionário no decorrer dessas práticas extra-laboratoriais. Essa sequência no uso dos instrumentos nos ajudou no entendimento e reflexão acerca dos conteúdos das narrativas dos entrevistados, sobre a formação no Museu da Cultura Cearense.

Após recolhidos os indicadores, realizamos a transcrição e a análise. "A comparação entre os diferentes tipos de dados apresentados e a sistematização dos mesmos é o conjunto de atividades a que se faz referência quando se fala da etapa da análise de dados". (MOROZ, 2002, p. 18).

Museu da Cultura Cearense: Formação de Educadores e Práticas

O Museu da Cultura Cearense, incluindo o Núcleo de Ações Educativas, é parte do Centro Cultural Dragão do Mar (CCDM)⁵, no qual funcionam distintos equipamentos culturais, com ofertas de cursos e exposições.

Um dos instrumentos que orientam a prática dos educadores é o projeto museológico, que no MCC é intitulado *Plano Museológico Memorial da Cultura Cearense*. Sua elaboração é, sem dúvida, uma fonte de aprendizagem dos que fazem o trabalho no Museu, independentemente de ser educador ou não, pois consigna uma tarefa executada coletivamente, de modo a envolver a todos.

A necessidade do setor educativo e dos educadores em museus aflorou no Brasil com a criação do Primeiro Curso de Museologia do Museu Histórico Nacional, que se tornou modelo para outras instituições e promoveu a formação dos primeiros profissionais da área no País. Como revela Telles (1997)⁶, existia a preocupação com o papel pedagógico do Museu, particularmente relacionada aos trabalhos desenvolvidos a um público específico, que seria o escolar, e com um fim bem determinado, “[...] visando principalmente a formação da consciência patriótica”. Essa tarefa, no entanto, não desmerece a importância de outras atribuições a esse setor, como a gerência de eventos e a pesquisa pedagógica dentro do Museu.

Para facilitar o entendimento acerca do perfil de formação dos colaboradores da pesquisa e seu vínculo com o MCC, bem como o seu anonimato, reproduzimos a ilustração (Quadro 1, próxima página).

Entre os educadores do MCC, apenas dois já haviam tido experiência em outros museus. Sobre isso, o Educador 6 afirma: “eu já tinha trabalhado com exposições e com galerias, já tinha um lance, um contato com a arte e aconteceu de ter a seleção”. O mesmo se revela com o Educador 4:

5 As informações acerca da criação, espaços físicos e histórico do CCDM foram pesquisadas no site www.dragaodomar.org.br/, no Plano Museológico Memorial da Cultura Cearense (2009) e por meio da apresentação oral dos educadores durante o desenvolvimento do Projeto Museu vai à Escola, acompanhado no decorrer da pesquisa.

6 A historiadora, pesquisadora visitante do Museu Histórico Nacional descreve no artigo *Mostrar, Estudar, Celebrar*, incluído nos Anais do Museu, o início das atividades educativas no País, no período de 1922-1968. É interessante perceber na leitura desse artigo, cujas ideias são trazidas ao longo dessa dissertação, a importância dada, à época, para a criação de um setor educativo incumbido especificamente das questões pedagógicas do Museu, ao público a que ele se direciona, bem como às suas atribuições, de forma que atendesse as demandas e interesses de uma elite e classe média vigentes na época.

Quadro 1 - Informações sobre os educadores do MCC, participantes da pesquisa (contendo codinome, idade, formação inicial, vínculo atual com o MCC)

Codinome	Idade	Formação inicial	Vínculo atual com o MCC
Educadora 1	22 anos	Licenciatura em Ciências Sociais	Atuante
Educador 2	23 anos	Bacharelado em Cinema e Audiovisual	Atuante
Educador 3	23 anos	Licenciatura em Filosofia	Atuante
Educador 4	34 anos	Licenciatura em Teatro e História	Atuante
Educador 5	25 anos	Licenciatura em História	Egresso
Educador 6	27 anos	Técnico em Design Gráfico	Egresso
Educador 7	30 anos	Bacharelado em Comunicação Social	Egresso
Educadora 8	32 anos	Licenciatura em Letras – Francês	Egresso
Educadora 1	22 anos	Licenciatura em Ciências Sociais	Atuante

Fonte: elaboração própria (2019).

[...] esse é o terceiro museu que eu trabalho. Trabalhei antes no MAUC⁷, durante a graduação em teatro, depois eu trabalhei três anos na Seara da Ciência, como bolsista de extensão em cultura e arte, então abriu a seleção do Museu da Cultura Cearense.

Atualmente, o Educador 6 trabalha como educador museal e arte-educador na Caixa Cultural, dando seguimento à carreira de *design* gráfico que desempenha desde a graduação. O Educador 4 foi aprovado em concurso público para professor de Teatro em Maceió e concluiu o ano de 2018 no Museu, porém, não pôde finalizar o estágio de dois anos no MCC, por ter sido convocado para assumir o serviço público antes da conclusão do estágio.

É interessante perceber que, mesmo sendo uma área restrita, há por parte dos educadores a valorização do trabalho desempenhado no Museu. Isso é comprovado pelo interesse em dar continuidade à carreira de educador museal ou atuar em outros setores da Casa, como percebemos com a Educadora 8. Esta, seis meses antes de terminar o estágio, foi selecionada para participar do *Projeto Acesso*, que promove a acessibilidade de portadores de necessidades especiais ao Museu. Terminado o período do estágio, ela continuou prestando serviços ao Museu, período também em que se especializou na área de Audiodescrição, por meio de cursos promovidos pela Universidade Estadual do Ceará e Universidade Federal do Ceará, e retornou um ano depois para compor o Núcleo de Acessibilidade do MCC.

A Educadora 8 se tornou uma referência para outros educadores, pela experiência adquirida e partilha de conhecimento.

7 Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará.

Como constantemente vemos nos estudos de Educação Museal, a partilha de conhecimentos é fator primordial para a formação de um educador desse âmbito. Outro interesse que merece ser destacado é a experiência de atuação em um local diferente do ambiente escolar, como lemos na fala da Educadora 1:

O meu interesse pelo Museu da Cultura Cearense foi a oportunidade de trabalhar com uma outra perspectiva da educação, porque a Educação Museal era um campo muito distante da minha vida ainda, eu trabalhava muito com a educação popular e também tinha tido experiência com a educação em sala de aula, mas a educação dentro do museu, ao mesmo tempo que era distante, era também desafiador e eu quis experimentar isso.

No decorrer do estágio, os educadores conseguem perceber diferenças marcantes na didática utilizada no Museu e relatam isso nas entrevistas, comparando as experiências na escola e, quando não há uma prática docente, comparam o ensino no Museu com o de cunho escolar.

Para entender como os educadores iniciam o seu estágio no Museu, é necessário compreender que eles passam por seleção, da qual são escolhidos candidatos que demonstram perfil para o trabalho em museu. Outro dado a ser considerado é o fato de, no Plano Museológico do Museu da Cultura Cearense, haver uma seção específica responsável pela Educação Museal, onde constam alguns dos seus objetivos, indícios de direcionamento para as ações do Núcleo de Ação Educativa.

Os educadores também preparam uma programação a envolver diversas atividades, como a visita ao Museu, oficina de artes, seguida de uma roda de conversa sobre os temas já trabalhados.

O setor educativo do Museu da Cultura Cearense preocupa-se com a qualidade pedagógica e com a abordagem de suas mediações. Prima por uma base freiriana assente no diálogo, na troca de saberes e na valorização da Arte-Educação, principalmente nas atividades desenvolvidas com os grupos escolares. Encontramos o princípio educativo do Núcleo de Ação Educativa no *Projeto Museu Vai à Escola*, assim expresso:

O processo museológico será construído por meio da ação dialógica, dinâmica, complexa e criativa,

reconhecendo que somos atores sociais responsáveis por criar contextos educativos para a integração criativa e cooperativa permanente entre diferentes sujeitos e contextos sociais e culturais. (SOUZA, 2008, p. 3)

Percebemos na Educação Museal do MCC a valorização de projetos educacionais que visam à formação questionadora de crianças e jovens. O *Projeto Museu Vai à Escola* é exemplo disso. No auxílio das atividades do Museu e nas oficinas formativas, é notório o envolvimento entre as atividades do Museu e a formação de seus educadores, o “fazer fazendo”, a aprendizagem que se desenvolve no cotidiano. Nessa dinâmica, geralmente, se destacam educadores proativos, que gostam de buscar conhecimento e se dedicam, em profundidade e com zelo, ao trabalho no Museu.

Importa destacar, no entanto, a grande rotatividade de educadores, em razão do ciclo formativo na graduação que cursam. Quando acontece a saída de um educador, o movimento que se segue no Núcleo de Ações Educativas é o de incorporar à equipe um postulante que está no banco de reservas. Exemplo ocorreu no final de maio de 2018, quando sucedeu a pesquisa de campo, oportunidade em que foi admitida uma educadora do curso de Ciências Sociais, que entrou em processo de estudos em conjunto com outros educadores, então veteranos. Com o auxílio dos educadores veteranos ou do coordenador, os novos educadores ganham confiança, tanto no trabalho em equipe, quanto no individual. A avaliação por parte do Núcleo de Ação Educativa é feita constantemente, de modo a acompanhar o ofício dos novatos.

O momento inicial entre visitante e educador é difícil, pois há, geralmente, a dificuldade de falar em público e de lidar com a diversidade dos grupos visitantes. A Educadora 8 diz:

O museu me ajudou muito na [...] parte de desenvoltura, eu era muito tímida, não conseguia falar em público, então o museu ajudou em aprender a me expressar, a falar com o público e lidar com o outro.

São experiências marcantes para educadores e visitantes do Museu, pois sempre haverá algo que saltará a memória como uma vivência significativa do momento e, na maioria das vezes, por ter sido um caminho estabelecido com um roteiro, porém sujeito a diversas mudanças e surpresas durante o caminhar.

Na busca de um estágio que complemente a formação universitária, será no Museu que a maioria dos educadores terá suas primeiras experiências com o ensino, como mediadores. Dos entrevistados, quatro educadores possuíam experiência em instituições regulares de Educação e um deles já havia trabalhado em museus, ao passo que outros quatro não possuíam experiência com o ensino e um já havia atuado em galerias de arte.

Algumas motivações foram explicitadas, dentre as quais destacamos duas que se relacionam à experiência de atuação em um local diferente do ambiente escolar:

O meu interesse pelo Museu da Cultura Cearense foi a oportunidade de trabalhar com uma outra perspectiva da educação, porque a Educação Museal era um campo muito distante da minha vida ainda, eu trabalhava muito com a educação popular e também tinha tido experiência com a educação em sala de aula, mas a educação dentro do museu, ao mesmo tempo que era distante, era também desafiadora e eu quis experimentar isso. (EDUCADORA 1).

O PIBID⁸ me proporcionou uma experiência dentro da sala de aula, a vivência do professor na escola, mas eu não conhecia nada além daquilo, e o processo educativo, ele não é resumido só dentro da sala de aula, existem outras possibilidades. E o museu é um espaço que de fato nem eu sabia que tinha tantas possibilidades de aprendizagem e ações educativas. E então eu pude perceber que a experiência no museu poderia ser muito importante para minha formação enquanto professor, mesmo que eu não fosse dar sequência em uma carreira de trabalho no museu. (EDUCADOR 3).

O estágio no Museu preenche uma lacuna em relação aos espaços sugeridos nas licenciaturas e na prática de ensino para o exercício docente, porém o modelo educacional do Museu é diferenciado e proporciona aos educadores a liberdade para escolher seus caminhos profissionais. O Museu é uma oportunidade para o estudante que intenta a primeira experiência com o ensino, por via da mediação cultural, na perspectiva da Educação Museal.

8 Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

O trabalho no MCC faz a gente enxergar o museu de uma forma diferente, não é aquele museu histórico que o pessoal diz que só tem coisa velha, ajuda a gente a enxergar o museu sob uma ótica de educação mesmo. (...) Então a experiência no museu trouxe uma prática educativa bastante interessante (EDUCADOR 5).

O educador atua em um trabalho que envolve a produção cultural e a referência pedagógica da Educação Museal, que desenvolve a sensibilidade, conforme nos exprimem Pereira et al. (2007, p. 12):

[...] como olhar o museu e não pensá-lo como um espaço que preserva e educa? Educa não somente pela sua materialidade, mas também pelas palavras, pelos gestos, pelos saberes, pela sonoridade e silêncios, pela relação que neles se estabelecem.

Os aspectos da formação estética também estão envolvidos no trabalho de Arte-Educação exercido pelos educadores do MCC. Ele acontece desde o repertório estético que transportam, antes mesmo de serem convocados ao trabalho no Museu. Esse repertório influenciará no trabalho cotidiano deles, fazendo a conexão entre a teoria e a prática e desenvolvendo ações que possibilitem a Educação Estética de outros sujeitos.

Também é pedido aos educadores que se matriculem nos cursos promovidos pelo Museu, de maneira que a equipe é organizada para que participe, mas nem sempre os horários são favoráveis a isso. Averiguamos a diversidade de formações e participações em eventos nas seguintes falas:

Tanto nós fazemos uma preparação teórica para mediação, e falas de curadores, falas de artistas, acompanhamos montagens de exposições, isso facilita o nosso trabalho, como também aprendemos a cada experiência, desenvolvemos muita coisa na hora com os grupos. (EDUCADOR 6).

Então eu fiz uma formação na Caixa Cultural sobre conservação de acervo, a gente fez as formações com os artistas que estavam expondo, sobre o processo criativo deles. (...) Também tive uma formação sobre conservação de acervo e curadoria, pelo Porto e Mini Museu Firmeza e tenho acesso a biblioteca do Dragão. (EDUCADOR 4).

Outro aspecto a destacar são as dificuldades sentidas no trabalho com a mediação, bem corriqueiras, e que, com experiência e sensibilidade, elas vão sendo superadas. Notamos a importância da diversidade de linguagens utilizadas nas mediações no Museu e como uma mesma exposição é surpreendente e encantadora para diversas idades. Nessa direção,

Para quem fala o museu e como fala? Os museus falam para diferentes públicos e, de uma forma muito intensa, para os públicos escolares, os museus falam por meio de várias línguas e por meio de várias linguagens. E as linguagens, em suas anotações, seus ritmos, suas paragens. (PEREIRA *et al.*, 2007, p. 12).

Outras dificuldades são sentidas e relatadas pelos educadores, não só relacionadas ao trato com o público infantil e à diversidade de público, mas também com relação ao comportamento dos professores que acompanham as turmas no Museu, e o que os educadores fazem para superar essas dificuldades:

As dificuldades de mediação acontecem de acordo com o público que vem ao museu; as escolas. O público não está muito preparado para uma Educação Museal, acho que por conta desse debate nunca ter saído de dentro dessa bolha, então muitos deles não sabem o que é a Educação Museal, não sabem como contribuir nesse processo, então acaba sendo problemático isso, porque acabam achando que a gente é só mais um guia ou um monitor lá dentro do museu e que o que a gente tá fazendo ali não é uma aprendizagem, não é uma educação, então acaba dificultando o nosso processo. (EDUCADORA 1).

Mais uma dificuldade identificada é a formação do público do Museu. Dificilmente os professores realizam uma visita prévia à Casa para saber quais são as exposições disponíveis. Geralmente, já fizeram alguma visita com outra turma na exposição de longa duração, a *Vaqueiros*, porém nem sempre ela está disponível para visitação e os professores são pegos de surpresa. Como já estão no local com sua turma, não desistem da visitação, mas há um momento de frustração, até que este sentimento se dissipe para se conectar com a exposição vigente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No remate deste ensaio, cumpre exprimir, por primeiro, a ideia de que a formação de educadores museais do MCC se efetiva por meio de elementos teórico-práticos. Observamos este fato ao analisarmos o perfil formativo dos sujeitos investigados, bem como no acompanhamento de suas práticas nas ações educativas realizadas no MCC.

Verificamos, também, que as ações, embora tratem de uma política de formação específica, obedecem às orientações da Política Nacional de Educação Museal, buscando suprir a carência de formação de quadro especializado para o trabalho em museus.

Com relação aos conteúdos, vimos que os programas das formações do MCC envolvem história, memória afetiva e reflexão sobre a realidade do patrimônio cultural local, estando em consonância com a Política Nacional de Educação Museal.

O encontro de educadores veteranos e novatos também favorece a troca de experiências. É perceptível, principalmente na observação das mediações e discussões de avaliação, o fato de que a troca de experiências é um ponto forte da formação.

Outro elemento de relevo das ações formativas é o grupo de estudos, que funciona com encontros mensais. Nele acontece o que se denomina “protagonismo dos educadores”, no qual cada um traz material de estudo de acordo com sua área de formação acadêmica.

Fator importante na formação é o trabalho em equipe, tanto o que é elaborado pela Coordenação do núcleo educativo, quanto o que é feito entre os educadores e os outros setores, pois essa dinâmica enseja que os integrantes do MCC entendam a identidade do educador museal e as especificidades de suas funções.

Em síntese, é impositivo exprimir a noção de que os conhecimentos dos educadores vão sendo acumulados mediante experiências do próprio trabalho à extensão do estágio, seja dentro do Museu – nos cursos, formações, pesquisas e mediações – seja nos espaços culturais do CCDM e ao seu redor, no diálogo com as pessoas que o frequentam e em outros locais que disponibilizam cursos com temas afins da Museologia.

Destacamos o esforço, por parte do MCC e de seus integrantes, no sentido de favorecer a formação de pessoal para atuar numa Educação Museal de qualidade.

Esse esforço, todavia, esbarra num problema, que atinge a política nacional de museus: o fato de o investimento na formação museal acontecer com alunos estagiários de cursos de graduação, o que ocasiona grande rotatividade. Essa política obriga a uma formação constante de mão de obra que normalmente não fica no Museu, provocando descontinuidade em ações, especialmente na mediação.

Reconhecemos a qualidade da formação oferecida pelo Museu da Cultura Cearense (MCC), como um esforço de formação de educadores qualificados para o trabalho no Museu. Como sugestão, apontamos a oferta de cursos específicos em nível técnico e superior para os educadores museais, em instituições de ensino superior, a exemplo do que já existe para o setor de Turismo.

REFERÊNCIAS

- BARBIERI, S.; BARBOUKH, J. A. **Interações**: onde está a arte na infância? São Paulo: Blucher, 2012.
- BARBOSA, A. M.; COUTINHO, R. G. **Arte/Educação como mediação cultural e social**. São Paulo: UNESP, 2004, p. 13-23. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books>>. Acesso em: 17 jun. 2019.
- BARBOSA, A. M. Mediação cultural é social. In: BARBOSA, A. M.; COUTINHO, R. G. (Org.). **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: UNESP, 2009. p. 13-22.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Ed., 1994.
- BOURDIEU, P. **O amor pela arte**: os museus de arte na Europa e seu público. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- BRAGA, J. L. M. Desafios e perspectivas para educação museal. **Revista Museologia e Interdisciplinaridade**, v. 6, n. 12, jul/dez, 2017.
- CÂNDIDO, M. M. D. **A função social dos museus**. Aracaju: UFSE, 2007.
- CARVALHO, G. **Tramas da cultura**: comunicação e tradição. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2005.
- CARVALHO, C. Espaços de cultura e formação de professores/monitores. In: LEITE, M. I.; OSTETTO, L. E. (Orgs.) **Museu, educação e cultura**: encontros de crianças e professores com a arte. Campinas: Papyrus, 2005 (Coleção Ágere).
- CURY, M. X. Educação em museus: panorama, dilemas e algumas ponderações. **Ensino Em Re-Vista**, v. 20, p.13-28, jan/jun. 2013.
- GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez 2011.
- GROSSMANN, M.; MARIOTTI, G. (Orgs.) **Museu Arte hoje**. São Paulo: Hedra, 2011.
- IBRAM. INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília, DF: Ibram, 2018.

- GROSSMANN, M.; MARIOTTI, G. (Orgs.). **Política Nacional de Educação Museal**. 2017. Disponível em <<https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/06/Documento-Final-PNEM1.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2019
- INSTITUTO DE CULTURA E ARTE DO ESTADO DO CEARÁ. **Plano Museológico Memorial da Cultura Cearense**. Fortaleza: Centro Dragão do Mar, 2009.
- IPHAN. INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos**. Brasília: Ministério da Cultura; Iphan, 2014.
- LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 1988.
- LÜDKE, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. Rio de Janeiro: E.P.U., 2017.
- MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G. **Mediação cultural para professores andarihos na cultura**. São Paulo: Intermeios, 2012.
- MEIRA, M. R. Educação estética, arte e cultura do cotidiano. In: PILAR, A. D. (Org.). **A educação do olhar no ensino das Artes**. Porto Alegre: Mediação, 2011.
- MOROZ, M.; GIANFALDONI, M. H. T. A. **O processo de pesquisa: iniciação**. Brasília: Plano, 2002.
- PEREIRA, J. S.; SIMAN, L. M. de C.; COSTA, C. M.; NASCIMENTO, S. S. **Escola e museus: diálogos e práticas**. Belo Horizonte: Cefor, 2007.
- SAVIANI, Dermeval. **Da nova LDB ao novo Plano Nacional de Educação: por uma outra política educacional**. Campinas: Autores Associados, 1998.
- SOUZA, I. S. **Projeto Museu vai à escola**. Fortaleza: Instituto Dragão do Mar, 2008.
- TELLES, Â. M. C. M. **Mostrar, estudar e celebrar: apontamentos sobre a história das atividades educativas no Museu Histórico Nacional**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 1997.
- TRILLA, J.; GHANEM, E.; ARANTES, V. A. (Org.). **Educação Formal e Não-Formal: Pontos e Contrapontos**. São Paulo: Summus, 2008 (Coleção Pontos e Contrapontos).
- YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Tradução de Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2016.

Submetido em 04 de setembro de 2020

Aceito em 10 de novembro de 2020

Publicado em 01 de dezembro de 2020

